

489



Cidade de Coimbra

seu agrado, determinou commemoral-o no brasão de armas de Coimbra, que ordenou do seguinte modo. No momento da passagem da princeza Cindasunda, coroadora rainha, com as mãos postas e olhos para o ceo como medianeira da paz, que de Deus, e saindo de uma taça ou calix de vinho, que significa o sacramento do matrimonio, que confirmou a alliança e amizade entre os dois monarchas pouco antes inimigos, e personalizados no brasão, Ataces na figura de um leão rompente de ouro, que era a sua divisa, e Ermenerico na de uma sêrpe ou dragão verde, que trazia por emblema pintado nas suas bandeiras, e tudo em campo vermelho.

No século VIII curvou-se Coimbra, como as mais terras da Lusitania, ao jugo dos musulmanos. Na grande lucta que não tardou a romper entre os christãos e os conquistadores, ora se viu resgatada, ora presa outra vez dos infieis, até que no anno de 1064 D. Fernando Magno, rei de Castella e Leão, a arrancou para sempre do poder dos moiros, no fim de um cerco de sete mezes.

A mesquita principal da cidade foi logo purificada, e convertida em templo dedicado a Nossa Senhora, e conta-se que n'elle o mesmo rei D. Fernando Magno armara cavalleiro com toda a solemnidade ao celebre Cid Rui Dias. D. Fernando reparou os muros da cidade; povoou-a de christãos; guarneceu-a de soldados veteranos, e deixou-lhe por governador o conde D. Sisnando, que se fez notavel pelo seu bom governo, e por varias obras que empreendeu para melhoramento da cidade.

Reinando em Castella e Leão D. Affonso VI, neto d'este rei D. Fernando, e dando sua filha D. Tareja em casamento ao conde D. Henrique, com o condado de Portugal por dote, entrou este principe na posse de Coimbra, e d'ella fez a sua côrte alternadamente com Braga e Guimarães. Confirmando-lhe o foral dado por seu sogro, accrescentou-lhe novos privilegios.

Seu filho D. Affonso Henriques, depois de aclamado rei, estabeleceu em Coimbra a sua residencia habitual; e assim ficou sendo esta cidade côrte unica de Portugal durante os primeiros quatro reinados. D. Affonso III repartiu com Lisboa esta regalia, que as duas cidades gosaram por seu turno até ao principio do reinado de D. João I, em que os povos requereram a este monarcha, nas côrtes então reunidas em Coimbra, que mudasse a sua residencia para Lisboa por varias razões, que apresentaram. Não deixaram todavia os successores do mestre d'Aviz de ir gosar de vez em quando da encantadora vista das margens do Mondego.

N'estes tempos tinha Coimbra voto em côrtes, com assento no banco primeiro; e aqui as celebraram D. Affonso Henriques em 1180, em que seu filho D. Sancho foi jurado successor da corôa; D. Sancho I em 1213 para o reconhecimento de seu filho D. Affonso, e para a feitura de leis; D. Affonso III em 1261, para ser jurado rei; D. João I em 1385 nas quaes lhe foi dado o throno de Portugal, e aclamado e jurado rei pelo pedir a salvagão da causa publica, apesar da sua bastardia, e dos direitos de seus irmãos, os filhos da infeliz D. Inez de Castro, então presos em Castella; e finalmente D. Affonso V, no anno de 1472. No fim do reinado de D. Sancho II teve logar aquella famosa defesa do castello de Coimbra, de que já fallámos em um dos numeros passados.

D'est'arte foi a cidade de Coimbra theatro de importantes acontecimentos politicos, assim como tambem o foi de lamentaveis scenas tragicas. Duas mulheres, ambas formosas d'alma e de corpo, e para sua desgraça elevadas ambas por amor a uma alta posição, ahi padeceram morte violenta, e a todos os respeitos immerecida! D. Inez de Castro e D. Maria Telles são os nomes d'essas illustres e tristes victimas da politica e do ciume. A primeira foi mandada assassinar por el-rei D. Affonso IV, afim de não servir de estorvo a um projectado enlace do infante D. Pedro, seu filho, e successor, com uma infanta de Castella. A segunda foi apunhalada por seu esposo, o infante D. João, filho de D. Pedro, e da desditosa D. Inez de Castro, a quem a perfida rainha D. Leonor Telles, forjando embustes, armara o braço contra a sua propria irmã, para depois perseguir o assassino, e d'este modo desviar da successão do throno um

principe, que as leis do reino antepunham a D. Beatriz, unica filha d'el-rei D. Fernando e da dita rainha D. Leonor Telles, a qual n'essa occasião já estava casada com D. João I, rei de Castella, e por esta circumstancia inhibida de succeder na corôa de D. Affonso Henriques.

Duas vezes foi Coimbra cabeça de ducado; a primeira em favor do infante D. Pedro, filho segundo de D. João I; a segunda em favor de D. Jorge, filho legitimado d'el-rei D. João II.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

### A expulsão dos holandezes do Brazil (1645—1654).

Continuação.

*Acção das Tabocas — Perda do inimigo — Resultados — Soccorro da Bahia — Vidal e Moreno — Perda dos navios — Rendição de Serinhaem e da Nazareth — Blaar e Hoogstraten — Wanderley — Successos na Parahiba, Porto Calvo e o Penedo — Ataque de Itamaracá — Revez — Arrayal Novo do Bom Jesus — Manifesto — Apuros entre os sitiados e sitiantes — Attentado contra F. Vieira — Francisco Barreto — Noticia de soccorros aos holandezes.*

O total da força holandêza não passava de oitocentos homens. — A nossa era pouco maior; mas indisciplinada em geral, além de mal vestida e peor armada; pelo que não poderia de modo algum prescindir da posição, e de conservar-se em pura defensiva. Escusado é dizer que o armamento e trajes da milicia n'esta longinqua colonia apenas se differenciavam do que por esse tempo ostentaram os puritanos do tempo de Cromwell e os soldados de Luiz XIV. — Os chapéos desabados com plumas, as couras d'anta, os calções largos e soltos, e não já golpeados e de roca, como no século anterior, eram entretanto no Monte das Tabocas levados mais regularmente pelos holandezes: na Bahia os levariam tambem os terços brasileiros; porém, entre os insurreccionados pernambucanos, muitos havia não só sem uniforme, mas até descalços, — e tendo por unica arma um zanguncho, ou uma faca bem atada no extremo de qualquer pau ou cacete.

Eleva-se o Monte das Tabocas junto do rio Tapacurá, mediando apenas uma pequena campina como esplanada descoberta. A raiz do monte e o espaço até á campina eram guarnecidos por um espesso tabocal, que a logares se prolongava até o cume, á maneira das couraças dos antigos castellos moiriscos. Foi no tabocal que Cardoso poz toda a confiança, dispondo ahi tres ciladas ou embuscadas, nas quaes caindo o inimigo, tanta força moral perderia, e tanta por isso mesmo ganharia os pernambucanos, que não seria duvidoso o resultado da acção. — Assim que, pela volta de meio dia, deram as avançadas signal, dispoz que uma pequena força hostilizasse o inimigo na passagem do rio, sem comtudo lh'a impedir; e que depois retirando-se pela campina ou esplanada o fosse trazendo ás ciladas. — Assim se executou. Enfatuados com a nossa retirada os holandezes lançaram-se confiadamente pelo tabocal, e só se retiraram, ao verem-se envolvidos; por isso que as ciladas podiam entre si comunicar-se, e proteger-se mutuamente. Refazendo-se e formando-se de novo na campina, deram contra o mesmo tabocal algumas descargas cegas, e logo tornaram a accomettel-o; porém com igual resultado. Tentaram então variar de plano, atacando de outro modo. E, organisando-se em duas columnas sobre os dois flancos oppostos, iam conseguindo mais alguma vantagem; porém empenhando então Cardoso na acção, á arma branca, toda a gente de retém que havia deixado no alto com os ecclesiasticos e o chefe Fernandes Vieira, obrigou os atacantes a desistir do seu empenho, quando já caia a noite. A nossa perda constou de alguns mortos e trinta e tantos feri-

dos (1). Os vencidos aproveitaram-se da escuridão para effectuar a retirada, e só foram descansar em S. Lourenço, d'onde seguiram para a Varzea do Recife. — D'este primeiro combate resultou em favor dos sublevados, não só o cobro de muita força moral, como muito armamento e munições de que estavam necessitados, e que encontraram no campo.

Entretanto se aproximavam não só o grosso das forças de Henrique Dias e do Camarão, que não tardaram em effectuar sua junção com as de Fernandes Vieira, como, por mar, em oito pequenas embarcações, dois terços ou regimentos regulares ás ordens de André Vidal, já feito mestre de campo, e do seu immediato, tambem mestre de campo, Martim Soares Moreno, — o fundador da capitania do Ceará. Estes ultimos desembarcaram todos em Tamandaré, e Salvador Corrêa, que até ahi os comboiara, seguiu para a Europa, depois de refrescar no Recife.

Claro está que os dois terços, ás ordens de Vidal, vinham em soccorro dos sublevados, em cumprimento das promessas por elle dadas aos pernambucanos; e de nada nos serviria repetir aqui os protestos (2) simulados então feitos aos holandezes, e por elles não cridos, de que vinham mandados para obrigar aos de Fernandes Vieira a se entregarem. E tanto não o acreditaram que, sabendo como os dois terços eram já desembarcados, e não tendo forças para os atacar, resolveram tomar vingança mandando a Lichthardt apoderar-se em Tamandaré dos transportes que ainda ahi estavam fundeados, sob o mando de Jeronymo Serrão de Paiva; o que o mesmo Lichthardt facilmente conseguiu acutilando o chefe portuguez, e mandando-o prisioneiro á Hollanda.

Não foi tão grande, como se podera julgar, o prejuizo que resultou da perda d'esses navios. Com essa hostilidade manifesta, encontrou Vidal pretexto para, perante os proprios holandezes, justificar a sua deserção para o bando dos *facciosos* de Fernandes Vieira; e tambem a côrte teve mais que sufficientes pretextos para se dar por agredida, e para poder intervir abertamente em favor da sublevação de Pernambuco, como effectivamente executou, maximè de 1647 em diante (3).

Ao desembarcarem os dois terços da Bahia em Tamandaré, levantaram-se contra os holandezes os povos em Serinhaem e no Cabo; e as guarnições estrangeiras se encerraram nas respectivas fortalezas, ao passo que as forças de Blaar batidas nas Tabocas permaneciam na Varzea do Recife. Effectuada pois a junção de todas as forças, e deixando agora de parte os dialogos de comedia que os escriptores contemporaneos, e alguns modernos tambem, pozeram em bocca principalmente de Vidal e de Fernandes Vieira, desde logo se combinou o modo como havia que proceder ao ataque d'estes tres pontos occupados. — Vidal com Vieira e Henrique Dias, encarregaram-se de marchar sobre o Recife; e Martim Soares ficou auxiliando os levantados de Serinhaem e do Cabo, para obrigar as respectivas guarnições a renderem-se.

Não tardou a entregar-se a de Serinhaem, com setenta e duas praças, além de uns quarenta e nove indios, que pagaram cruelmente com a vida o apoio que haviam prestado ao inimigo, que d'elles não curou ao capitular.

Vidal seguiu a marchas forçadas pela marinha, e vadeando o Capiberibe se apresentou aos de Blaar, na Varzea do Recife, sem que elles o esperassem.

(1) Port. Rest. 32 feridos e 8 mortos; Castr. Lus. 37 feridos e 28 mortos.

(2) «André Vidal que era prudente, e sabia usar das occasiões com prevenção dos futuros, procurava com toda a destreza que el-rei tivesse o interesse, e a culpa fosse dos conjurados.» Conde da Ericeira, Port. Rest.

(3) As intenções da côrte secretamente hostis aos holandezes se descobrem não só pelas nomeações de cargos que se foram seguindo, como pelo proceder dos governadores da Bahia pela mesma côrte nomeados. Vê-se tambem de muitos documentos e extractos de cartas que se publicaram em 1646 e 1647 em dois folhetos em hollandez; um com o titulo «Extract ende Coppe van verscheyde Brieven en Schriften... tot bewys dat de Kroon van Portugael schuldich is» etc.; e outro com o de «Cjaar Vertooch vande Verradersche in Vyantheke Acten en Proceduren van Poortugal» etc. — Além da descoberta e confissão que depois d'isso fez a el-rei D. João II, o proprio Fernandes Vieira.